

O mosteiro da Batalha como plenitude em Afonso Lopes Vieira

Cristina Nobre

(Professora coordenadora do IPL: cristina.nobre@ipleiria.pt
Membro associado da Unidade de Investigação CICS-IPL)

RESUMO:

Muito jovem, Afonso Lopes Vieira tem um destaque central no folheto *Leiria-Batalha*, publicado em novembro de 1901, pela Academia Leiriense comemorando a trasladação das cinzas de D. Afonso V, D. João II, D. Isabel e infante D. Afonso para o panteão de D. João I. O texto do jovem poeta ocupa a página 5, com o título «Um cicerone da Batalha», ilustrado pela fachada do monumento, e transporta-nos para os inícios do culto patrimonial, associando-o ao povo humilde que lhe serve de guia. [...] Nos volumes ensaísticos *Em demanda do Graal*, de 1922, e *Nova demanda do Graal*, de 1942, Lopes Vieira volta episodicamente ao património cultural da Batalha, mas será no derradeiro livro de poesia *Onde a terra se acaba e o mar começa* que figuras como a de Mouzinho de Albuquerque serão projetadas com mais intensidade, numa procura da plenitude que só o conceito de portugalidade poderia trazer.

Gostaria de iniciar com uma superficial reflexão sobre o significado e o conceito filosófico de ‘plenitude’.

Qualquer dicionário nos traz os sinónimos de ‘completude’, ‘integridade’, ‘totalidade’, ‘sem espaço’, o que, no caso do Mosteiro da Batalha, nos encaminha de imediato para o corpo do monumento e o seu estatuto patrimonial; porém, a fuga da vertente espacial remete-nos para a locução em que se enxertou ‘sensação de plenitude’ e, na minha perspetiva, para vários edifícios acrescentados ao corpo principal da igreja e às denominadas Capelas Imperfeitas. Talvez este seja o monumento erigido, como baluarte de um novo poder monástico, que mais se foi enriquecendo com as teias dos desejos de plenitude dos descendentes de D. João I, transformando-o, assim, num objeto de arte iluminado pela natureza (que não a falha, nem o vazio...), em que até as imperfeições revelam sensações de plenitude.

Na verdade, a Capela do Fundador, ou capela funerária, foi acrescentada ao projeto inicial por D. João I, na expectativa de que toda a sua prole lá repousasse, mas D. Duarte vai procurar – sem conseguir concluir – criar para si uma capela idêntica, conhecida até hoje como «Capelas Imperfeitas». Também D. Afonso V erigiu o claustro menor e dependências adjacentes; D. João II, bem como D. Manuel, após o seu interesse se ter fixado no Mosteiro dos Jerónimos, parecem já não ter dado tanta importância a este Mosteiro. No entanto, muitos séculos depois, no início do século XX, o rei D. Carlos I vai patrocinar a transladação de quatro monarcas para túmulos que se encontravam na Capela do Fundador sem nunca terem sido preenchidos: D. Afonso V, D. João II, D. Isabel e o infante D. Afonso.

O acontecimento realiza-se em novembro de 1901, e a memória dele pode hoje encontrar-se no folheto *Leiria-Batalha: «Numero unico. Publicado pela Academia Leiriense commemorando a transladação das cinzas de D. Affonso V, D. João II, D. Izabel e infante D. Affonso para o pantheon de D. João I, Leiria, 28 de Novembro de 1901»*. A capa apresenta uma fotografia do rei D. Carlos I e sua consorte, rainha D. Maria Amélia, e tem a participação de várias figuras ilustres do distrito, com artigos de opinião nas primícias do registo em defesa do património. Tito Larcher, então já figura proeminente e futuro conservador do arquivo distrital, é o autor mais representado no folheto, mas não se devem esquecer outros, como Marques Júnior, António de Campos Júnior ou Acácio de Paiva. Curioso é vermos como este ‘panteão de D. João I’ só em 2016 atingiria o estatuto de Panteão Nacional...

Mais jovem do que os outros participantes, então com 23 anos, Afonso Lopes Vieira (1878-1946) tem um destaque central no folheto. O texto do jovem poeta ocupa a página 5, com o título «Um cicerone da Batalha», ilustrado pela fachada do monumento, e transporta-nos para os inícios do culto patrimonial, associando-o ao povo humilde que lhe serve de guia. Em traços gerais podemos dizer que Lopes Vieira, na introdução, reforça a importância da educação familiar na inscrição do gosto pelo pa-

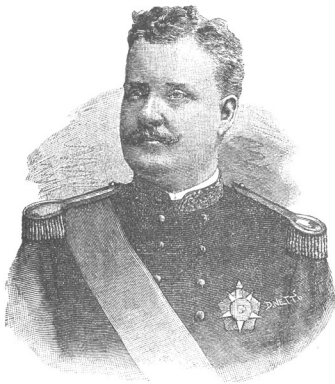
LEIRIA-BATALHA

NUMERO UNICO

Publicado pela ACADEMIA LEIRIENSE

Commemorando a trasladação das cinzas de D. Affonso V, D. João II, D. Izabel e infante D. Affonso para o pantheon de D. João I

LEIRIA, 28 DE NOVEMBRO DE 1901



S. M. El-Rei D. Carlos I



S. M. a Rainha D. Maria Amelia

Um grande historiador Alexandre Herculano, quando ha cincoenta annos escrevia essa bella narrativa intitula-da *A abobada* não calculava certamente que, meio século depois, os reis de Portugal viriam receber n'aquella assombrosa sala de throno, sob o tecto maravilhoso de mestre Alfonso Dominguez, as homenagens de todos quantos vão á Batalha associar-se á consagração definitiva da gloria de D. João II.

Herculano era um individualista. Estivera imigrado em França e em Inglaterra, onde bebera as ideias de liberdade, tal como ella era comprehendida na epocha de 1830.

Sob o ponto de vista historico dominante, Luiz XI, em França e D. João II, em Portugal, eram dois tyranos aniquiladores de todas as liberdades, encarnações do absolutismo que era o monstro mais odiado que então havia; e Alexandre Herculano era d'essa escola e assim apreciava o principe perfeito.

Mas agora as ideias são outras e o proprio Herculano, nos seus ultimos dias, duvidava um pouco do rigor dos principios da escola individualista. Hoje ninguem que com cuidado tenha attendido á nossa historia patria duvida de

que aquelle clarão de incomparavel brilho que illuminou Portugal no reinado de D. Manuel, foi preparado inteiramente pela intelligencia e vontade de D. João II. O proprio auctor da historia das nossas origens como nação independente, se associaria á homenagem que todos vamos render. Elle era um grande patriota e é ao Portugal do século XV que vae ser prestada homenagem pelos portuguezes do alvorecer do século XX.

Já não temos um Herculano que nos conte como um cego construiu a abobada da sala do capitulo, nem um Garrett para romantisar os movimentos populares das epochas afastadas da nossa historia. Elles deixaram os seus livros que marcaram a renovação litteraria romantica. Os architectos coevos do *da boa memoria* legaram-nos eses rendilhado poema de pedra que canta perpetuamente a independencia da nossa terra, conquistada alli perto, em Aljubarrota, pela ala dos namorados. — Namorados eram elles todos: D. João I da grandeza de Portugal; Nuno Alvares da mística paz d'alma; os outros eram namorados das suas damas e vieram a dar os doze d'Inglaterra. Já não temos esses homens que todos eram grandes, mas te-

trimónio nas mais tenras idades, o que, um século depois, continuamos a repetir até à exaustão e faz parte dos nossos valores educativos:

A primeira vez que fui à Batalha e visitei o mosteiro, tinha eu cinco anos. Lembro-me ainda, não precisamente das minhas comoções d'artista em romaria d'arte, mas do meu espanto [v]elado ante os túmulos e os claustros de pedra, e do grande medo com que subi, levado pelas mãos de minha mãe, a escada do coruchéu da Cegonha.

O desenvolvimento engana o leitor: pretende-se que vamos ter o retrato pormenorizado do velho guia do Mosteiro, mas a ' vaidade ' narrativa e de viajante experimentado do jovem narrador vai fazê-lo deambular pelas comparações com monumentos de Milão ou com a portuguesa vila de Óbidos. A figura da personagem em causa fica, afinal, engrandecida (juntamente com a consciente clarividência do narrador...) com estas duas breves narrativas encaixadas. Veja-se apenas o início e o fim da descrição do guia:

[...] N'este tempo, um dos cicerones do Mosteiro era um velho baixo e rijo, de olhos azues, muito sympathico, d'aspecto militar, um veterano que ainda conhecera Frades. Fui amigo d'este bom homem, que me badalou depois, nas visitas que lá fazia em todas as férias grandes, as mesmas historias das vidas dos Architectos, dos reaes ossos dos túmulos, das guerras d'Aviz, e casos íntimos do convento, anedoctas da sua fundação e da sua legenda.

O que tornava interessante este guia velho e amavel, era o elle possuir a qualidade rara nos cicerones: a comoção. [...]

Entre o sachrista italiano, o *Mil-Homens* e o meu velho guarda da Batalha havia a singular diferença que fazia d'este ultimo um companheiro encantador.

Era um narrador comovido da Historia, toda apprendida d'ouvido, porque lia mal e por cima.

O seu officio de longamente vaguear pelo Mosteiro familiarisara-o com a Casa, com os seus mortos e com a sua belleza, e dera-lhe uma physionomia moral quasi d'Aviz, muito remota e sosinha no mundo. E, por exemplo, passando com a gente pelo claustro do Convento, parava-nos

UM CICERONE DA BATALHA

A primeira vez que fui á Batalha e visitei o mosteiro, tinha eu cinco annos. Lembro-me ainda, não precisamente das minhas commoções d'artista em ro-maria d'arte, mas do meu espanto elado ante os tumulos e os claustros de pedra, e do grande mêdo com que subi, levado pelas mãos da minha mãe, a escada do corucheu da Cegonha.

Nesse tempo, um dos cicerones do Mosteiro era um velho baixo e rijo, de olhos azues, muito sympathico, d'aspecto militar, um veterano que ainda conhecera Frades. Fui amigo d'este bom homem, que me badalou depois, nas visitas que lá fazia em todas as férias grandes, as mesmas historias das vidas dos Architetos, dos reaes ossos dos tumulos, das guerras d'Aviz, e casos intimos do convento, anedoctas da sua fundação e da sua legenda.

O que tornava interessante este guia velho e amavel, era o elle possuir a qualidade rara nos cicerones: a commoção. Nada perturba mais a emoção d'um viajante fino e artista do que a desinteressada abundancia de palavras que um guia lhe recita, ou a sua sede brusca de dinheiro deante de coisas d'Arte ou de natureza, bellas. Na cathedral de Milão, depois de ter subido á torre para vêr os Alpes, o que escreve estas linhas desejou visitar a capella de S. Carlos Burromeu, escura mumia que usa ao peito joias de Benvenuto Cellini. Um sachistão de bêque matreiramente afilado, depois de receber uma lira, conduziu-o á crypta, de véla accêsa, allumiando adiante a escadaria funda.

Em meio da admiração que n'esse viajante a Capella magnifica produzia, o sachrista adeanta-se e diz-lhe, apontando o tumulo fechado do Santo:

— Quer vêr o corpo de S. Carlos?

— Sim...

E logo o sachrista, estendendo a mão, n'um indiscreto gesto de gulodice:

— Mais cinco liras!

Em Obidos, a interessantissima, a incomparavel villa, onde o Passado parece viver ainda nas horas de hoje, um garôto velho de idade incomprehensivel, o *Mil-Homens*, diz nos os nomes dos solares, segura-nos os cavallos, compra-nos cigarros, chama os sachristões das egrejas. E' um pavoroso fallador, ao pé do qual impossivel se torna admirar os recantos archaicos, a natureza tão bella em roda, toda a belleza triste dos aspectos. E foi esse diabo que um dia disse a um amigo meu, enquanto este escutava distrahidamente um sino, olhando os campos que iam adormecer na noite:

— Saberá V. Ex.ª que estão a dar horas!...

Entre o sachrista italiano, o *Mil-Homens* e o meu velho guarda da Batalha havia a singular differença que fazia d'este ultimo um companheiro encantador.

Era um narrador commovido da Historia, toda aprendida d'ouvido, porque lia mal e por cima.

O seu officio de longamente vaguear pelo Mosteiro familiarisara-o com a Casa, com os seus mortos e com a sua belleza, e déra-lhe uma physionomia moral quasi d'Aviz, muito remota e sósinha no mundo. E, por exemplo, passeando com a gente pelo claustro do Convento, parava-nos á porta da casa do *Capitulo*, e apontava sorrindo para o bustosinho do Architeto legendario:

— Lá está o Afonso Domingues...

E dizia isto com tanta amizade, com tanta intimidade, que mais parecia um antigo camarada do grande cego,

fallando a amigos do do seu Mestre.

Tinha um cão, um cachôrrô de pernas curtas e tortas, que o seguia sempre, imperturbavel.

Este cão sabia já os sitios onde o dono botava fallas; e, mesmo antes d'elle as começar, sentava-se á espera, olhando para a gente com olhos meigos.

Fôra este homem que tivera a honra (dizia elle (de acompanhar Alexandre Herculano n'uma das romagens do Historiador ao Convento; e contava da sua maneira grave e fina de olhar, do lenço vermelho que trouxera na mão, e da sobrecasca de briche que o grande escriptor vestia, e que vinha a ser naturalmente a mesma com que elle subia o Chiado no seu tempo da Ajuda, rodeado dos dandies da época, que chamavam galantemente a isto — levar o Herculano ao peito.

Quando ha tres annos visitei o Mosteiro, não achei no seu posto o velho guarda. Morrêra.

E agora que no convento da Batalha se vão celebrar ceremonias imponentes e grandiosas, ahi, onde repoisam tantas

ossadas de grandes do mndo, onde toda a poesia rural da Patria crystallisou em pedras que são como almas e cantam maravilha, — é-me, a mim, immensamente dôce recordar este obscuro e este humilde, que humildemente envelheceu entre mostrando aos outros o Passado, e talvez a amá-lo mais do que elles.

Lisbôa, novembro de 1901.

AFONSO LOPES VIEIRA.



Oh quem não treme ouvindo os altos feitos
D'esses Heroes que aponta a nossa Historia!
— Reis valorosos, Princes Perfeitos
E um grande Poeta para mais gloria!

ARNALDO RIBEIRO



FACHADA DO MONUMENTO DA BATALHA

á porta da casa do Capitulo, e apontava sorrindo para o bustosinho do Architecto legendário:

– Lá está o Affonso Domingues...

E dizia isto com tanta amizade, com tanta intimidade, que mais parecia um antigo camarada do grande cego, falando a amigos do seu Mestre. [...]

O escritor disserta ainda sobre o animal de estimação do guarda, para o humanizar ainda mais, e um seu encontro com Alexandre Herculano, para desfazer a noção de hierarquias intransponíveis entre intelectuais e gente do povo. Porém, o mais interessante para nós, quase 120 anos depois do seu registo discursivo, é que na parte conclusiva do seu artigo se desligue do aparato social, que seguramente envolveu as cerimónias de trasladação, para se ater à singularidade e humildade de uma personagem do povo, sem lugar em nenhuma capela funerária mas divulgador emérito do património. Talvez os olhos da poesia possam ter acesso a ‘sensações de plenitude’ que o comum dos mortais nem suspeita:

Quando há três anos visitei o Mosteiro, não achei no seu posto o velho guarda. Morrera.

E agora que no convento da Batalha se vão celebrar cerimónias imponentes e grandiosas, ahi, onde repoisam tantas ossadas de grandes do mundo, onde toda a poesia rural da Patria crystallizou em pedras que são como almas e cantam maravilha, – é-me, a mim, imensamente doce recordar este obscuro e este humilde, que humildemente envelheceu entremostrando aos outros o Passado, e talvez a amá-lo mais do que eles.

Passam nove anos, a República instalar-se-á, e só em 1910 o Mosteiro da Batalha é considerado Monumento Nacional: iniciava-se assim, oficialmente, a abertura da janela patrimonial em Portugal. Mas seguiram-se tempos complexos: a I Grande Guerra havia de nos custar alguma mobilização, sobretudo com o CEP (Corpo Expedicionário Português), e ao desastre da Batalha de La Lys nenhum português podia ficar indiferente.

No final da guerra vão multiplicar-se os acontecimentos oficiais de tentativa de integração (sublimação?) deste desastre na

memória coletiva, através da inauguração festiva ('sensação de plenitude?') de monumentos 'Ao soldado desconhecido', para que todos pudessem chorar e homenagear os corpos que não puderam ver. O que nos importa destacar é que também este túmulo se encontra no Mosteiro da Batalha, sob a arrojada abóbada da Casa do Capítulo e alumiado pela «Chama da Pátria» do Lampadário Monumental, da autoria de Lourenço Chaves de Almeida, amigo íntimo de Lopes Vieira. O túmulo tem Guarda de Honra e a proteção do mutilado «Cristo das Trincheiras», que no território de Neuve-Chapelle, na Flandres, foi companheiro constante das tropas portuguesas. Ora, neste caso, a posição de Lopes Vieira, maduro adulto de 43 anos, vai ser de total marginalização. O facto é tanto mais estranho quanto neste túmulo se tratava da inclusão do anónimo povo sacrificado, na casa da monarquia e do poder representado na pedra monumental. No dia 9 de abril de 1921 foram conduzidos para esse Templo da Pátria dois Soldados Desconhecidos, vindos da Flandres e da África portuguesa, representando os gloriosos mortos enviados a essas expedições, símbolo do sacrifício heroico do Povo Português.

O escritor, em março de 1921, tinha vivido uma experiência dolorosa com a apreensão da sua poesia «Ao Soldado Desconhecido (Morto em França)» [SD].¹

¹ Tinha sido publicada em folheto de 4 pp., pela Imp. Libanio da Silva, em Lx., em Março de 1921, e as receitas da venda destinavam-se a «um orfão da Guerra». No *Diário de Notícias*, de 22 de Março de 1921, pode ler-se uma notícia curiosa sobre o acontecimento, causador de uma pendência entre ALV e o sr. António de Lorena Santos, oficial do exército, que reputava injurioso para o Exército português e, portanto, para si como elemento dessa instituição, o verso do poema «Para quem te exportou como um animal». A resposta dos representantes de ALV, além de desqualificar o oficial miliciano chamando-lhe subalterno, restituía à expressão em causa a sua verdadeira dimensão literária: «[...] declaravam, no entanto, que na frase mencionada não existe a mínima intenção de ofensa para o Exército Português, mas apenas uma expressão de valor literário cujo espírito de crítica política o seu constituinte inteiramente mantém.» Ao jornal *Epoca*, de 19 de Março de 1921, ALV tinha dado uma entrevista, onde afirmou os seus intuitos

Este texto levava-o a ser interrogado pelas autoridades, já que o Exército se sentiu melindrado e retratado em algumas das referências aí feitas, tomando à letra os versos:

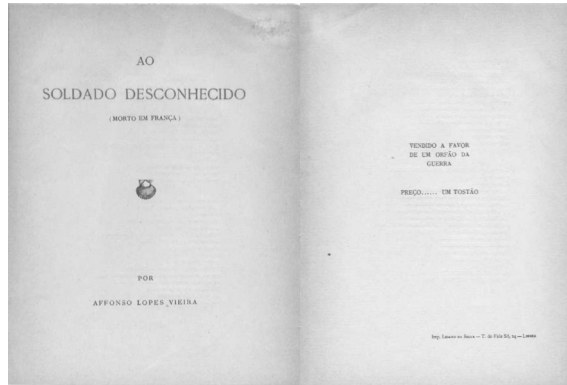
[...] a tua imensa
presença acusadora e aterradora
para quem te exportou como um animal,
se estenda sobre o céu de Portugal!

Vários contemporâneos reagem a este acontecimento de um modo violento, atribuindo-lhe um significado político². Mas Lo-

nacionalistas da forma que se segue: «[...] Sobre o caso da apreensão da minha poesia *Ao soldado desconhecido* direi apenas algumas palavras porque elas me são pedidas, e mantenho o proposito de não permitir que, sob minha responsabilidade, se faça com este assunto qualquer reclamo. Detido durante umas horas e interrogado no Governo Civil, onde urbanamente me trataram, ahi respondo ás perguntas que me fôram feitas e constam do auto que assinei. § Neste incidente, em que já um jornal chegou a atribuir-me qualquer intenção menos patriótica, insinuação contra que nem vale a pena protestar porque o meu nome e a minha obra, insignificantes como são, são tambem o mais eloquente desmentido a quem pretender agredir-me por esse modo, – neste incidente, uma coisa verifico com infinito prazer moral, e é a limpidez e a calma da minha consciencia. Escrevendo esses versos, que me honro de ter escrito, prestei ao heroe a melhor e a mais bela homenagem que o meu espirito foi capaz de conceber. Esses versos estão muito acima de todas as preocupações partidarias ou sectarias, – as quaes me não interessam – porque elas são a glorificação do Povo que se sacrificou com tanto e tão belo heroismo, a saudação funebre e heroica do recém-vindo á sua terra. § E eu tenho a absoluta convicção de que nunca escrevi uma pagina mais patriótica do que esta poesia, e de que esta poesia, e de que a sua intenção pelo menos, é digna do heroe.» [*apud* R I, f. 128 v.].

² Algumas reações encontram-se entre a correspondência particular de ALV, onde se pode ler um telegrama de António Correia de Oliveira, cartas de Augusto Gil, Teixeira de Pascoaes, Agostinho de Campos, Antero de Figueiredo, Augusto Gonçalves e Jaime Magalhães Lima. Da carta de Pascoaes, datada de 2 de Abril de 1921, destacam-se as palavras seguintes: «[...] Felicito-o, com o maior entusiasmo, pela sua bela poesia! Glorifica o martire e castiga os carrascos. É bem natural

pes Vieira escreverá uma carta para o *Diário de Lisboa*, intitulada «Portugal na Guerra», na sequência de uma entrevista intitulada «Os Mutilados da Guerra ao Abandono?», onde tenta encontrar uma explicação para a «lenda urdida» à volta da sua poesia apreendida, e reafirma-se o poeta do «instinto da nação», pelo que qualquer «anti-intervencionismo» lhe seria penoso.



Hoje, quase a cem anos de distância, o que realçamos é a estética modernista que tanto aproxima este poema-narrativo de «O menino de sua mãe», de Fernando Pessoa, comparação que ainda está por fazer.

Do espólio do poeta, podem extrair-se dois documentos inéditos que julgamos estarem diretamente relacionados com este poema problemático e com a visita a Paris, que terá feito em novembro de 1921 a Adriano de Sousa-Lopes, já então considerado um pintor promissor, alojado num ateliê no boulevard

que eles *se doecem*... A alma, quando fêre, é terrível! § [...] Pobre *menino*! e pobres de nós todos os que amamos desinteressadamente a nossa Patria! Ele vai repousar na paz do tumulo e nós temos de arrastar ainda n'esta vida, com todos os crimes e infamias d'essa quadrilha de marroquinos que assaltou a velha Lusitania! Malfeitores da peor especie disfarçados em ministros, senadores, deputados, filosofos, poetas, etc., etc.! [...]» [BML, *Cartas* [...], vol. VI].

Victor Hugo a pintar muitas das cenas vividas na Flandres, em La Lys, pela força/corpo de expedicionários portugueses, identificada pela sigla CEP.

O primeiro documento é uma carta para um dos soldados que viveu as atrocidades da Guerra, o mesmo a quem se dirigiu no poema «Ao Soldado Desconhecido», e que agora é claramente nomeado como Manuel, reforçando a questão ideológica da missão patriótica e nacional e subalternizando a política republicana. O documento entra no género epistolar e faz uso de todos os recursos de familiaridade permitidos, entre os quais a ficcionalização de uma intimidade com o destinatário e sua vida afetiva e pessoal, bem como um hipotético encontro em Paris para assistir ao cortejo do *Soldado Desconhecido*, na Praça da Concórdia, a que se teria seguido um almoço entre o poeta e Manuel:

Carta ao Soldado a quem são dedicados os versos q. seguem.

Meu caro Manuel — Não sei se já estás na tua terra e se já te casaste com aquela rapariga de quem me falaste. Se estás, desejo q. sejas muito feliz porq. fiquei teu amigo desde o dia em q. vimos juntos o cortejo do Soldado Desconhecido, na Concórdia.

Encontrámo-nos de manhã, um pouco arripiados com o frio, e almoçámos nos Campos Elíseos. Falámos da Guerra, de q. me contaste algumas cousas q. me ficaram para sempre no coração através das tuas palavras simples. Falámos de Portugal. Falámos da tua terra e da tua família, q. ha dois anos não vias. Vimos o cortejo no meio do povo e subimos depois com ele até ao Arco. Os Soldados franceses olhavam-te e alguns diziam alto: — *Un bersagliere!* — *Cuidam q. sou dos italianos*, dizias-me tu sorrindo. Como não quiseste jantar comigo (desconfio q. não quiseste porque tinhas namôro) fui abancar sôzinho num restaurante e começou então a cantar-me na cabeça esta cantiga q. te envio, recortada de um jornal. O *Manuel* q. lá está és tu, meu amigo, e é por isso q. te mando esta lembrança.

Lê-a à tua família, a quem peço me recomendes, e sobretudo à tua noiva ou tua mulher, q. ha de achar graça à recordação. Adeus e recebe um abraço apertado deste teu amigo verdadeiro.

P. S. Onde está q. «foste vendido» não quer dizer q. eu acredite naquele dito q. andou no povo, de q. por cada um de vocês havia quem recebesse uma libra. «Vendido» quer dizer q. pela republica e não pela Nação te mandaram; tu bem o sentias e batendo-te bem, foste heroe duas vezes.

Janeiro de 1921.

[...]

(BMLALV, B43, n.º 33396, *apud* Nobre, 2005 II, pp. 468-469)

Esta carta é tão mais interessante quanto o *post-scriptum* é datado de janeiro de 1921, e, já aí, Lopes Vieira insiste em explicar o que entende pela expressão ‘foste vendido’, consciente de que uma interpretação literal lhe podia trazer melindres políticos e problemas vários (como veio a trazer...), num momento de grandes fragilidades governamentais do país.

Este inédito leva-nos a fazer a ligação com um outro poema, também inédito – ‘No dia do Poilu Inconnu’ (BMLALV, C17, n.º 33816) de 11 de novembro de 1920 – para afirmarmos que esta temática já era uma preocupação que vinha de trás:

No dia do *Poilu Inconnu*

Ao antigo soldado do C. E. P., meu companheiro nêsse dia.

O mais ignorado
e desconhecido
dos que foram à guerra,
és tu Manuel de Portugal,
pobre Manel da minha terra,
que foste exportado,
que foste vendido
e não morreste por teu mal,
como o Sem Nome que vai ser erguido
ao alto da Étoile!

Lá em baixo, naquela
nossa terra
– tão bela! –
mulatos e moiros venderam-te a peso
e foste p’ra a guerra;
sofreste a miséria, sentiste o desprêzo,
heróico e encolhido,
bravo Manuel, de Portugal,

pobre Manuel da minha terra,
que não morreste, por teu mal,
como o Sem Nome que vai ser erguido
ao alto da Étoile!

Ah! mas ainda assim
a tua sorte é boa:
há em Lisboa
camaradas teus
que pedem esmola por amor de Deus;
– eu vi-os, sim! –
a gente pobre dá-lhes esmola
(até os mendigos, da sua sacola)
choram, ao vê-los, as mulheres,
em automóveis passam os Berberes,
e um ou outro exilado
como eu, fica pálido e transido...
Ouves Manuel? que foste exportado,
que foste vendido
e não morreste por teu mal,
como o Sem Nome que vai ser erguido
ao alto da Étoile!

Vem de aí comigo,
com essa farda bem abotoada;
Manuel, meu amigo,
vamos ver as festas do teu camarada,
entre a multidão
de Paris, tão sós,
ninguém saberá de nós
nem das tristezas que por cá vão...
Serenos sós na festa dos pendões
encharcados de glória,
e sózinhos nos nossos corações
que não cantam vitória;
sós – entre os poetas e os soldados,
e ambos vencidos
daquela terra nossa onde vendidos
os Portugueses morrem de exilados!
Ambos vencidos por igual,
nascidos ambos no Desterro Azul
lá em baixo, ao sul, e ambos olhando ao alto da Étoile!...

Paris, 11 de Novembro de 1920.

Afonso Lopes Vieira.

O segundo documento, de novembro de 1921, também inédito, mostra-nos de novo o poeta crítico relativamente à sua posição de excluído de uma guerra, apenas a ‘entrevendo’ através

dos sonhos ou da arte pictórica. A posição de deitado e a referência a um divã – local de criação preferencial do poeta na casa de S. Pedro de Moel – não passam despercebidos e mostram ao leitor como o poeta, de certo modo, se autoflagelava por não ter estado efetivamente no lugar do perigo e da guerra e apenas a entrever pela distância da arte e do conforto:

No «*Front*» do *boulevard Victor*
ao grande pintor Sousa-Lopes

A alva começava a clarear e, no meu vago entresonho, olhei. Estava nas trincheiras do C. E. P. Horrivel, transiu-me o frio, e recordei, chorei, aquele azul lá de longe, q. é como os beijos q. eu quero.

A lama da terra encharcava-me, e a lama do ar, quasi tão espêssa como ela, tambem.

À minha volta os camaradas, imoveis, sofriam como eu do frio, do abandono, da alva;

e entre nós estava talvez aquele q. disse q. «a gente já não eramos homens, mas só *courage!*»

E nós todos, queriamos morrer bem, sem saber porquê, nem por quem,

se era pela Patria, se era por aqueles q. nos abandonaram aqui, e se regalam.

Todos pensavamos numa Mulher, – mãe, noiva, irmã, – ou Numa q. vimos uma vez e não sabemos quem é...

– Mas subito sentimos o ataque, e desentorpecemos as almas para a morte...

... Então saí do meu entresonho, e achei-me deitado no divan dêste meu quarto improvisado no ateliê.

Paris, Novembro, 1921

(BMLALV, B43, n.º 33396, *apud* Nobre, 2005 II, pp. 469-470)

Decididamente os *anos da graça* tinham passado, e Lopes Vieira prossegue a sua obra com uma vontade férrea de colocar os projetos pessoais muito acima de qualquer compromisso institucional, tendo o programa de ação Portugal como único patrono assumido, transformado em valor absoluto de uma causa cultural.

Na sequência deste episódio, o desalento do escritor perante a vida política do país e a classe dirigente intensifica-se e não o abandonará mais até ao fim da vida. Como comentará Aquilino Ribeiro, a propósito deste mesmo episódio, que se declara incapaz de compreender na totalidade e nas repercussões que terá tido em Lopes Vieira:

Numa democracia, entra para a esfera do arbítrio tudo o que seja coibir ou coarctar a faculdade de assentir ou dissentir do quer que seja, desde o mais fútil ao mais sagrado.

– Foram moiros que me levaram ao Governo Civil e me confiscaram o meu poema – declarava Afonso para os amigos e o mesmo disse na dedicatória do exemplar que me ofereceu. Moiro era o espírito alieno, demagógico, espúrio, anti-português ao actuar como causa eficiente deste despautério e de tantos mais da vida nacional. (Ribeiro, [1949]: 322).

Reagindo ao «ataque dos Mouros», como insistia em lhe chamar, Lopes Vieira começa a refugiar-se na própria Pátria, num exílio que o deixará ainda mais isolado, e a sentir-se marginalizado por um certo quadro institucional, como consequência das posições assumidas. Se assistimos a um primeiro momento áureo e juvenil de ‘sensação de plenitude’ em relação com o Mosteiro da Batalha e seu valor patrimonial e educativo (embora desde logo intensamente localizado do lado do povo), o segundo momento, no auge da vida adulta, é de confronto político e social pelo modo como o Estado se serve do património e procura manipular a consciência crítica dos intelectuais.

O último livro de poesia, de 1940, *Onde a terra se acaba e o mar começa*, representará o terceiro momento desta ‘sensação de plenitude’, com a assertividade das temáticas do «instinto da nação», das quais se sentiu sempre o guardião honrado e em missão permanente. O livro está dividido em três secções – Canções da piquena pátria, No signo de Camões, Cantares dos búzios – e é na primeira que os lugares patrimoniais da região mais se evidenciam. Interessa-nos destacar que a abertura se faz com o

poema «Mousinho», transformando-o no grande herói de Portugal ‘bem-nascido de novo’:

[...] Mousinho: Portugal
Bem-nascido de novo;
Cavaleiro, letrado e gentil-homem
Tão fidalgo e tão próximo do povo
Que eu vi de jaleca e chapéu largo,
Enrolando um cigarro
E dizendo, com o seu sorriso que era
O de um intelectual
E o mais fino de todo o Portugal:
– Ah! Como maça a gente o ser-se herói. [...]

Os outros poemas vão oscilar entre o louvor descritivo e transfigurador das paisagens nativas («Pinhal do Rei», «Aos pinheiros das dunas», «Penedo da Saudade») e a glorificação de figuras históricas ou míticas da região, poemas que fazem de Lopes Vieira o aristocrata popular aberto a uma moderna estética de inclusão das figuras humildes e esquecidas («Amor», «A Maria Parda», «À senhora Maria Laranjo», «Inês de Leiria», «Leren»). O poema «Memorial», numa linha inovadora, apresenta autobiograficamente a personagem do tio-avô Rodrigues Cordeiro, assim como tudo aquilo que o poeta-escritor através dele aprendeu e herdou.

Na *Antologia Poética* de Afonso Lopes Vieira, organizada por Nuno de Sampaio, em 1966, este sintetiza perspicazmente:

[...] Veja-se o amor de Afonso Lopes Vieira a Portugal, muito espontâneo, mas também muito meditado. Este sonhador foi estranhamente lúcido; este saudosista, admirador do passado, possuía uma arguta consciência das deficiências do presente. O nefelibata soube descer à terra para reprovar ou causticar; fê-lo como patriota, mas também como esteta. [...]

Julgo que é precisamente nesta ‘sensação de plenitude’ – acima de tudo estética – que devemos procurar a relação estabelecida por Afonso Lopes Vieira com o Mosteiro da Batalha, essa

«memória da vitória» de Portugal, como elemento fundamental da nossa identidade: a portugalidade.

Referências Bibliográficas

Leiria-Batalha. Numero unico. Publicado pela Academia Leiriense comemorando a trasladação das cinzas de D. Affonso V, D. João II, D. Izabel e infante D. Affonso para o pantheon de D. João I, Leiria, 28 de Novembro de 1901.

Nobre, Cristina (2005). *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, col. temas portugueses. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2005, ISBN: 972-27-1260-8, 668pp.

Ribeiro, Aquilino [1949]. Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento. In *Camões, Camilo, Eça e alguns mais. Ensaios de crítica histórico-literária*. 3.ª ed., sd., pp. 271-335. Lisboa: Livr. Bertrand.

Sampayo N[uno de] (1966). Escolha e comentário a *Antologia Poética de Afonso Lopes Vieira*, col. «Poesia e Verdade», pp. 169-76. Lisboa: Guimarães ed.

Vieira, Afonso Lopes (1940). *Onde a terra se acaba e o mar começa*, 1.ª ed. Lisboa: Liv. Bertrand.

————— (1998) *Onde a terra se acaba e o mar começa*, (2.ª ed.). Pref. de A. M. Couto Viana. Lisboa: Liv. Bertrand.

Obs. Este texto resulta de uma conferência pronunciada no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, em maio de 2018, durante o evento cultural intitulado «Sensação de Plenitude», tendo sido escrito expressamente para essa ocasião.